

## As ações desenvolvidas por uma universidade no Sul de Minas na inclusão da primeira estudante Surda em um programa de pós-graduação

**Adrielly Antonia Santos Gomes**

Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte, MG — Brasil

✉ professoradriellysantos@gmail.com

 0000-0001-7028-3788

**Rosana Maria Mendes**

Universidade Federal de Lavras  
Lavras, MG — Brasil

✉ rosanamendes@ufla.br

 0000-0002-9366-6703



2238-0345 

10.37001/ripem.v15i2.4272 

Recebido • 13/08/2024

Aprovado • 17/02/2025

Publicado • 01/05/2025

Editor • Gilberto Januario 

**Resumo:** Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado desenvolvida no programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Federal de Lavras (UFLA). O estudo discute as ações, estratégias e o apoio institucional oferecido por uma universidade do Sul de Minas ao receber sua primeira estudante Surda em um programa de pós-graduação. A pesquisa utilizou a metodologia de Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016) e Mendes e Miskulin (2017), com dados produzidos por meio de entrevistas com a estudante Surda, docentes, monitores, intérprete e representante do programa de acessibilidade. Foram identificadas duas categorias de análise: (1) a atuação do programa de acessibilidade e (2) do corpo docente no processo de inclusão. Os resultados evidenciaram ações como acompanhamento do Plano Individual de Desenvolvimento (PID), disponibilização de intérpretes e monitores, adaptação de materiais e alargamento do tempo, além de desafios como a falta de intérpretes.

**Palavras-chave:** Surdez. Ensino Superior. Inclusão. Acessibilidade.

### The actions developed by a university in the South of Minas when receiving its first Deaf student in a postgraduate program

**Abstract:** This article is an excerpt from a master's dissertation developed in the postgraduate program in Science Teaching and Mathematics Education at the Federal University of Lavras (UFLA). The study discusses the actions, strategies and institutional support offered by a university in the South of Minas Gerais when it received its first Deaf student in a postgraduate program. The research used the Content Analysis methodology, according to Bardin (2016) and Mendes and Miskulin (2017), with data produced through interviews with the Deaf student, teachers, monitors, interpreter and representative of the accessibility program. Two categories of analysis were identified: (1) the performance of the accessibility program and (2) the faculty in the inclusion process. The results highlighted actions such as monitoring the Individual Development Plan (PID), providing interpreters and monitors, adapting materials and extending time, in addition to challenges such as the lack of interpreters.

**Keywords:** Deafness. University Education. Inclusion. Accessibility.

### Las acciones desarrolladas por una universidad del Sur de Minas al recibir a su primer estudiante Sordo en un posgrado

**Resumen:** Este artículo es un extracto de una tesis de maestría desarrollada en el programa de posgrado en Enseñanza de las Ciencias y Educación Matemática de la Universidad Federal de

Lavras (UFLA). El estudio analiza las acciones, estrategias y apoyo institucional ofrecido por una universidad del Sur de Minas al recibir su primer estudiante Sordo en un programa de posgrado. La investigación utilizó la metodología de Análisis de Contenido, según Bardin (2016) y Mendes y Miskulin (2017), con datos producidos a través de entrevistas al estudiante Sordo, docentes, monitores, intérprete y representante del programa de accesibilidad. Se identificaron dos categorías de análisis: (1) el desempeño del programa de accesibilidad y (2) el profesorado en el proceso de inclusión. Los resultados resaltaron acciones como el seguimiento del Plan de Desarrollo Individual (PDI), dotación de intérpretes y monitores, adaptación de materiales y ampliación de tiempos, además de desafíos como la falta de intérpretes.

**Palabras clave:** Sordera. Enseñanza Superior. Inclusión. Accesibilidad.

## 1 Introdução

A Educação de Surdas e Surdos<sup>1</sup> tem se tornado, cada vez mais, uma área de interesse de pesquisas no meio acadêmico, em que pesquisadoras e pesquisadores tendem a analisar e compreender os aspectos relacionados à inclusão dessas pessoas nos espaços Educacionais – seja no Ensino Básico ou Superior.

Em se tratando do Ensino Superior, entendemos que para haver uma efetiva inclusão e permanência dessas e desses educandos, Surdas e Surdos, torna-se fundamental a utilização de recursos visuais, o auxílio de tradutores e intérpretes de Libras, a mediação do corpo docente e a atuação de programas de acessibilidade. Essas são algumas das ações que podem contribuir para que aquelas pessoas, além de ingressarem nas instituições, consigam concluir seu curso de graduação ou de pós-graduação de forma exitosa.

Mas, que ações, além dessas descritas, estão sendo desenvolvidas pelas instituições para que Surdas e Surdos se sintam incluídos nesses espaços de formação? Pensando nesta problemática, desenvolvemos este artigo<sup>2</sup> com o objetivo de discutir as ações, as estratégias e o apoio institucional realizado por uma universidade localizada no Sul de Minas ao receber a sua primeira estudante Surda em um programa de pós-graduação.

A presente pesquisa de caráter qualitativo foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Federal de Lavras (PPGECM/UFLA), no contexto da pandemia causada pela Covid-19, em que as atividades institucionais estavam acontecendo no formato virtual. A produção dos dados foi realizada em uma universidade do Sul de Minas, em que houve a inserção de sua primeira estudante Surda.

Para a análise dos dados utilizamos da metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016) e Mendes e Miskulin (2017), e a partir dos procedimentos metodológicos chegamos a duas categorias de análise as quais iremos discutir neste artigo, sendo elas: (1) Atuação do programa de acessibilidade no processo de inclusão da estudante Surda; (2) Atuação do corpo docente no processo de inclusão da estudante Surda.

A seguir, iremos discutir, com base nas leis e diretrizes, a inclusão de pessoas Surdas no âmbito educacional.

<sup>1</sup> Neste artigo iremos utilizar os termos Surdas e Surdos com letra inicial maiúscula para fazer referência a participação dessas pessoas que pertencem a uma cultura e por se comunicarem através da língua de Sinais. (Almeida, 2015)

<sup>2</sup> Este artigo compõe a dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Federal de Lavras (UFLA), escrita pela primeira autora e orientada pela segunda autora.

## 2 Breve histórico das Políticas de Inclusão de Surdas e Surdos

Abordaremos nesta seção, uma breve discussão das políticas públicas relacionadas ao processo de inserção e permanência de Surdas e Surdos nas instituições de Ensino.

A partir da Constituição Federal de 1988 temos a garantia de que a Educação é um direito de todas as pessoas, sendo este um dever do Estado e da família, que visa um pleno desenvolvimento e preparo dessas pessoas para viver em cidadania, assim como, estarem qualificadas para o mundo do trabalho (Brasil, 1988). Neste sentido, entendemos que as pessoas Surdas têm o direito à Educação desde as fases iniciais do processo de escolarização até alcançarem uma formação a nível superior.

No entanto, para que esse direito seja garantido e para que Surdas e Surdos se desenvolvam em seu processo formativo, há a necessidade de adaptações, sejam elas na utilização de recursos didáticos ou nas especificidades linguísticas. Tais adaptações são garantidas no decreto n. 5.626/05 em que se discute a Educação de pessoas Surdas no contexto brasileiro (Brasil, 2005).

Em se tratando das especificidades linguísticas, temos que as pessoas Surdas comunicam através da Língua Brasileira de Sinais. Tal língua foi reconhecida no Brasil como meio legal de comunicação e expressão da comunidade Surda através da Lei n.10.436/02 (Brasil, 2002). Fato este que evidencia a importância de profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras (TILS) para o acesso à informação e comunicação de pessoas Surdas.

A profissão de intérpretes é regulamentada pela Lei n. 12.319/10 e as instituições de ensino devem propiciar às e aos discentes, Surdas e Surdos, o apoio de TILS nos espaços educativos (Brasil, 2010). Desta forma,

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação (Brasil, 2005, n.p).

As Instituições de Ensino Superior (IES) têm por objetivo formar pessoas em diferentes áreas do conhecimento para atuarem na sociedade (Brasil, 1996), assim elas precisam garantir o acesso à informação e à educação, de discentes, Surdas e Surdos, de maneira que essas pessoas saiam preparadas para exercer sua profissão com os conhecimentos nesses espaços construídos. E mais, na Lei n. 13.146/15 temos que incumbe ao poder público assegurar o “acesso à educação superior e à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas” (Brasil, 2015).

Mas para que essas pessoas cheguem a esses espaços é preciso garantir o ingresso por meio de processos seletivos acessíveis, ou seja, é preciso contar com a participação das e dos TILS nas provas solicitadas, assim como, ter uma “flexibilidade nos critérios de correção da redação e das provas discursivas” (Ministério da Educação [MEC], 1996, p. 2), ou utilizarem de outros meios de avaliação da redação privilegiando a Libras (Ministério da Educação [MEC], 1996). Neste sentido,

Art. 30. Nos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas, devem ser adotadas as seguintes medidas:

I - atendimento preferencial à pessoa com deficiência nas dependências das

Instituições de Ensino Superior (IES) e nos serviços;

II - disponibilização de formulário de inscrição de exames com campos específicos para que o candidato com deficiência informe os recursos de acessibilidade e de tecnologia assistiva necessários para sua participação;

III - disponibilização de provas em formatos acessíveis para atendimento às necessidades específicas do candidato com deficiência;

IV - disponibilização de recursos de acessibilidade e de tecnologia assistiva adequados, previamente solicitados e escolhidos pelo candidato com deficiência;

V - dilação de tempo, conforme demanda apresentada pelo candidato com deficiência, tanto na realização de exame para seleção quanto nas atividades acadêmicas, mediante prévia solicitação e comprovação da necessidade;

VI - adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa;

VII - tradução completa do edital e de suas retificações em Libras (Brasil, 2015, n.p).

Após o ingresso entendemos que nas instituições “deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo”. (Brasil, 2005, n.p), pois o corpo docente estará em contato direto com as e os discentes, Surdas e Surdos, em seu processo formativo, e aquelas e aqueles profissionais precisam conhecer a cultura Surda para desenvolverem suas aulas pensando nos aspectos da Surdez.

A seguir, apresentamos o percurso metodológico para a produção dos dados da pesquisa.

### 3 Caminho para a produção dos dados

Neste tópico abordaremos os caminhos metodológicos para a produção dos dados da pesquisa. Com este artigo temos por objetivo discutir ações, as estratégias e o apoio institucional realizado por uma universidade localizada no Sul de Minas ao receber a sua primeira estudante Surda em um programa de pós-graduação.

Para tanto, o *lócus* da pesquisa se deu em uma universidade do Sul de Minas, no qual uma estudante Surda ingressou na turma de mestrado no ano de 2020. Tendo em vista que esta era a primeira pessoa Surda neste espaço, buscamos compreender como esta instituição se organizou para receber e atender as especificidades da discente em seu processo de inserção e permanência.

Buscando alcançar o nosso objetivo de investigação, submetemos o projeto de pesquisa no Comitê de Ética<sup>3</sup> que teve a aprovação em março de 2021 e, posteriormente, definimos as e os participantes que tinham um contato direto no processo de inclusão da estudante Surda, no qual descrevemos<sup>4</sup> a seguir conforme a sua formação e atuação na instituição:

- a estudante Rute que é Surda. Ela é formada em Normal Superior, em Letras-Libras e leciona em um Centro de Atendimento Educacional Especializado. Atualmente ela é estudante de um programa de mestrado em uma universidade no Sul de Minas.
- o intérprete em Língua de Sinais e Português, Abner, formado em Letras com ênfase no Português e Literatura e em Letras-Libras. Na época ele estava cursando uma pós-graduação em Docência e outra em Tradução e Interpretação, além de estar finalizando o mestrado em

<sup>3</sup> O projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética através do parecer de n. 38757620.2.0000.5148.

<sup>4</sup> Utilizamos nome fictícios para descrever as pessoas participantes da pesquisa.

Educação. Ele é coordenador do curso de Pedagogia e professor substituto na universidade.

- as monitoras, Bia e Tereza, ambas são Licenciadas em Matemática e atuam na área da Educação Matemática Inclusiva realizando pesquisas com pessoas Surdas. Elas participaram da monitoria por 10 meses no ano de 2020. Bia realizava atendimentos com a estudante Surda e Tereza acompanhava a estudante nas aulas e auxiliava na adaptação de materiais.
- a monitora Clara, que é estudante do curso de Engenharia Ambiental na universidade. Ela participou da monitoria por 10 meses no ano de 2020, auxiliando nas adaptações de materiais.
- a monitora Louise, que é estudante do curso de Nutrição e no período da pesquisa ainda participava do programa de monitoria.
- o monitor Caio, Licenciado em Matemática e realiza pesquisa no âmbito da Educação Matemática Inclusiva com pessoas Surdas. Ele participou da monitoria no ano de 2020, por 10 meses, auxiliando nos atendimentos da estudante Surda, acompanhando as aulas e adaptando materiais.
- a docente Sarah, graduada em Matemática. Ela possui mestrado em Educação e doutorado em Educação Matemática. Além disso, ela é docente na instituição desde o ano de 2010.
- a docente Frida é graduada em Física e realizou seu mestrado e doutorado na área de Ótica e Laser. Ela possui pós-doutorado na área do Ensino da Física e atua no Ensino Superior há mais de 10 anos.
- a docente Rafaela é licenciada em Química e realizou seu mestrado e doutorado na área de Ensino de Química. Ela atua no Ensino Superior por cerca de 3 anos e meio.
- o docente Caio é licenciado em Química e realizou seu mestrado e doutorado na área de Educação Química. Ele atua no Ensino Superior há mais de 4 anos.
- o docente Fábio é licenciado em Educação Física e realizou seu mestrado e doutorado em Educação. Ele tem uma especialização *lato sensu* em Educação Infantil e atua no Ensino Superior há mais de 21 anos.
- a responsável pelo programa de acessibilidade, Maísa, licenciada em Educação Física, possui mestrado em Bioquímica do Exercício e doutorado em Ciências. Ela é professora da instituição, além de coordenadora e assessora do programa de acessibilidade. Ela atua no ensino Superior há 11 anos.

Após esse processo, partimos para a produção dos dados que aconteceram no período de junho a agosto de 2021. Inicialmente as e os participantes assentiram em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, posteriormente, foram entrevistadas e entrevistados individualmente, por meio de videogravações, através do *Google Meet*.

Para a entrevista com a Rute, contamos com a participação de uma intérprete voluntária, visto que não havia intérpretes suficientes para atender a demanda da universidade. Além da utilização do *Google Meet* para a entrevista, recorremos a um gravador de tela, pois queríamos registrar os sinais em Libras realizado pela estudante Surda, e a gravação gerada pelo próprio *Google Meet* só registrava a tela das pessoas que emitem algum som.

Com as videogravações registradas e arquivadas iniciamos o processo de organização dos dados produzidos. Para isso, recorremos à metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016) e Mendes e Miskulin (2017), em que percorremos os três polos cronológicos por elas estabelecidos, sendo eles,

- a *pré-análise* que se refere a leitura flutuante dos dados, a escolha dos documentos, a

constituição do *corpus* da pesquisa e a preparação do material.

- a *exploração do material* que consiste na codificação do material através da unidade de registro que chamaremos de temas, e da unidade de contexto que chamaremos por eixos temáticos.
- o *tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação* em que é feita a categorização a partir do material obtido no segundo polo, assim como, a discussão e reflexão a partir das categorias de análise.

Na pré-análise, conforme o recorte apresentado no Quadro 1, organizamos o conteúdo das vídeografações buscando uma primeira percepção das mensagens neles contidos (Mendes; Miskulin, 2017).

**Quadro 1:** Recorte do quadro de organização das entrevistas

Vídeo	Tempo	Código	Assunto
Entrevista – Pesquisa Surdez	00:00:33 - 00:01:53	FOR DIS EXP	Frida fala da sua área de formação, da disciplina que lecionou para a estudante Surda, assim como, do seu tempo de atuação na Educação.
	00:01:53 - 00:03:13	FOR	Fala sobre os cursos que participou na perspectiva da inclusão.
	00:03:13 - 00:04:19	SUR COM	Comenta sobre a Surdez e como entende a comunicação das pessoas Surdas.

**Fonte:** das autoras (2022).

Os códigos descritos no quadro acima, composto de três letras maiúsculas, foi uma estratégia que tivemos, assim como Mendes e Miskulin (2017), pois nos possibilitou perceber as informações contidas em cada tempo do vídeo, além de contribuir no processo de transcrição que seria realizado posteriormente. No quadro 2, apresentamos a descrição de alguns desses códigos.

**Quadro 2:** Recorte códigos de organização para a transcrição

Código	Assunto
FOR	Formação
DIS	Disciplina
EXP	Experiência Pessoal
SUR	Surdez
COM	Comunicação

**Fonte:** das autoras (2022).

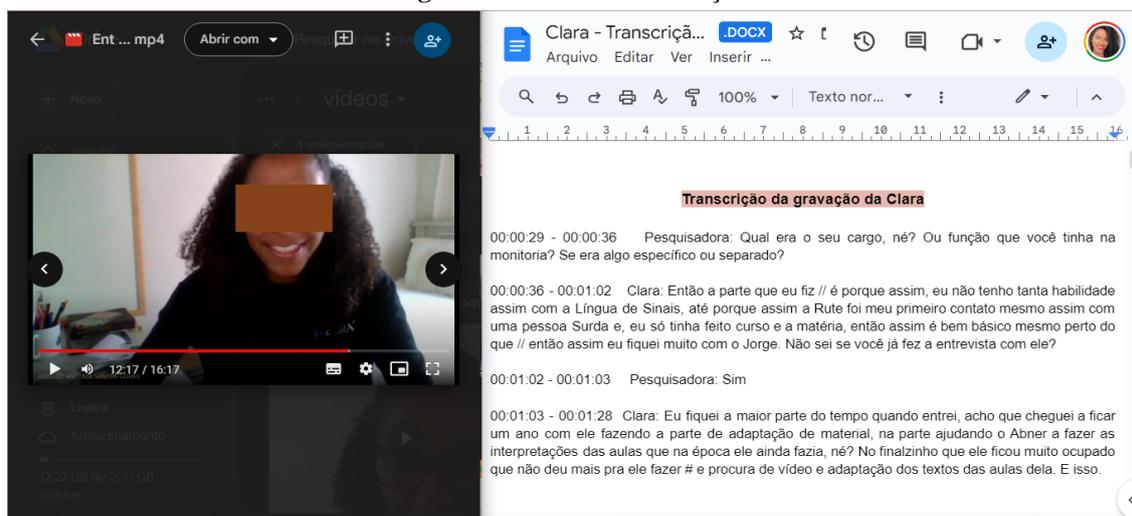
Após esta organização estabelecemos o *corpus* da pesquisa ao qual iríamos analisar e assim iniciamos a transcrição dos dados. Vale ressaltar que o *corpus* pode ser definido como “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (Bardin, 2016, p. 126). Nesse processo, respeitamos as regras estabelecidas por Bardin (2016), sendo elas: da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência.

Para a transcrição, assistíamos as vídeografações e com a tela do *Google* documentos fixada do lado direito da tela, íamos registrando as falas das e dos participantes e da pesquisadora (Figura 1).

Já na transcrição da entrevista realizada com a Rute, utilizamos uma estratégia similar à descrita anteriormente, no entanto, fixamos do lado esquerdo da tela a gravação da entrevista em que era possível visualizar os sinais em Libras, do lado direito a tela do *Google* documentos e sobre a tela do *Google* documentos o vídeo gerado pelo *Google Meet* em que era possível

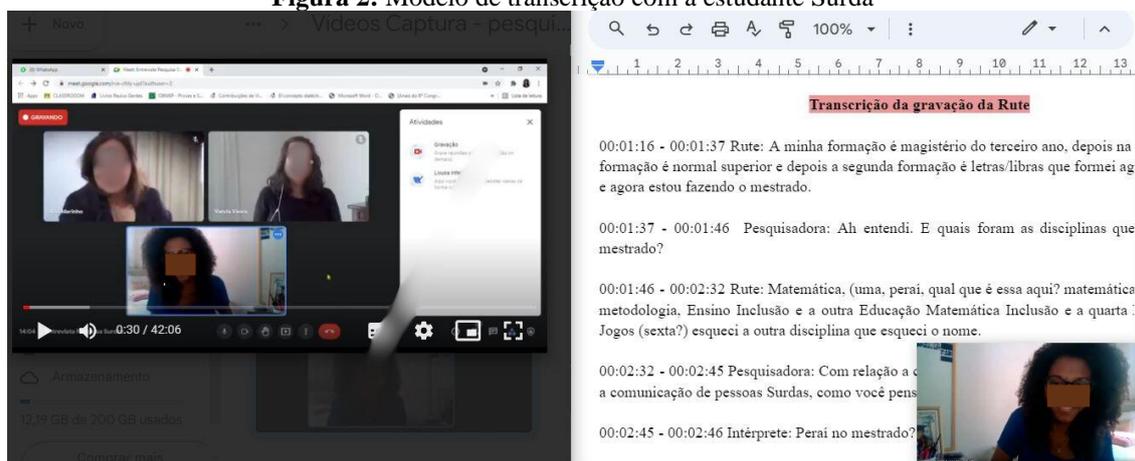
ouvir as falas da pesquisadora e intérprete (Figura 2).

**Figura 1: Modelo de transcrição<sup>5</sup>**



Fonte: das autoras (2025).

**Figura 2: Modelo de transcrição com a estudante Surda<sup>6</sup>**



Fonte: das autoras (2025).

<sup>5</sup> #Pracegover: do lado esquerdo da figura aparece a tela da videogravação com a imagem da pesquisadora, uma mulher negra, com cabelos cacheados na altura do ombro, usando óculos e vestindo uma blusa preta. Do lado direito da imagem aparece a transcrição da gravação da Clara, contendo o tempo e os questionamentos e respostas. 00:00:29 – 00:00:36 Pesquisadora: Qual era o seu cargo, né? Ou função que você tinha na monitoria? Se era algo específico ou separado? 00:00:36 – 00:01:02 Clara: Então a parte que eu fiz // é porque assim, eu não tenho tanta habilidade assim com a Língua de Sinais, até porque assim a Rute foi meu primeiro contato mesmo, assim como uma pessoa Surda e, eu só tinha feito curso e a matéria, então assim é bem básico mesmo perto do que // então assim eu fiquei muito com o Jorge. Não sei se você já fez a entrevista com ele? 00:01:02 – 00:01:03 Pesquisadora: Sim. 00:01:03 – 00:01:28 Clara: Eu fiquei a maior parte do tempo quando entrei, acho que cheguei a ficar um ano com ele fazendo a parte de adaptação de material, na parte ajudando o Abner a fazer as interpretações das aulas que na época ele ainda fazia, né? No finalzinho que ele ficou muito ocupado que não deu mais para ele fazer # e procura de vídeos e adaptação dos textos das aulas dela. É isso.

<sup>6</sup> #Pracegover: do lado esquerdo da figura aparece a tela da videogravação com a imagem da pesquisadora, da estudante Surda e da intérprete voluntária. Do lado direito da imagem aparece a transcrição da gravação da Rute, contendo o tempo e os questionamentos e respostas e no canto inferior do referido lado, a tela minimizada da videogravação com a imagem da pesquisadora. 00:01:16 - 00:01:37 Rute: A minha formação é magistério do terceiro ano, depois na faculdade minha formação é normal superior e depois a segunda formação é letras/libras que formei agora pouco tempo e agora estou fazendo o mestrado. 00:01:37 - 00:01:46 Pesquisadora: Ah entendi. E quais foram as disciplinas que você cursou no mestrado? 00:01:46 - 00:02:32 Rute: Matemática, (uma, perai, qual que é essa aqui? matemática?), Metodologia, metodologia, Ensino Inclusão e a outra Educação Matemática Inclusão e a quarta Projetos a quinta Jogos (sexta?) esqueci a outra disciplina que esqueci o nome. 00:02:32 - 00:02:45 Pesquisadora: Com relação a comunicação o que que você pensa sobre a Surdez e a comunicação de pessoas Surdas, como você pensa? 00:02:45 - 00:02:46 Intérprete: Perai no mestrado?

A partir das transcrições iniciamos o processo de preparação dos dados, dos quais descreveremos a seguir.

### 3.1 Preparação do Material

Com as transcrições realizadas, iniciamos o segundo polo cronológico proposto por Bardin (2016), a exploração do material, no qual através de um sistema de cor elencamos 42 (quarenta e dois) temas iniciais, sendo este “a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas” (Franco, 2008, p. 41).

Ao analisar as confluências e disparidades entre os temas, realizando um agrupamento estabelecemos 10 (dez) eixos temáticos. Para este artigo, realizamos um recorte no qual apresentaremos a discussão a partir de 3 (três) eixos temáticos que contemplam 16 temas iniciais (Quadro 3).

**Quadro 3:** Recorte criação de temas iniciais e eixo temático

Eixo Temático	Temas Iniciais
Recursos Visuais	Adaptação de materiais Desenvolvimento da estudante Recurso didático Tempo
Trabalho Docente	Ambiente da sala de aula Mediação Metodologia Docente Prática Docente Trabalho e avaliações
Inserção e inclusão na pós-graduação	Apoio de docentes da instituição Curso de formação promovidos pela universidade Inclusão Orientação sobre a inserção Políticas de Inclusão Processo Seletivo Sobrecarga do trabalho docente

**Fonte:** das autoras (2025).

Posteriormente, partimos para o terceiro polo cronológico, o tratamento dos resultados, a inferência e interpretação (Bardin, 2016). Nesse momento, para a categorização dos dados, realizamos o agrupamento dos eixos temáticos, e estabelecemos duas categorias de análise, conforme descrito no quadro 4, respeitando os princípios apresentados por Mendes e Miskulin (2017), sendo eles: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade, produtividade.

**Quadro 4:** Recorte criação de temas iniciais e eixo temático

Categorias de Análise
(1) Atuação do programa de acessibilidade no processo de inclusão da estudante Surda.
(2) Atuação do corpo docente no processo de inclusão da estudante Surda.

**Fonte:** das autoras (2025).

A seguir, apresentamos a análise e discussão a partir das duas categorias de análise.

## 4 Análise e discussão

Neste tópico iremos apresentar as ações, as estratégias e o apoio institucional prestado

à estudante Surda inserida no mestrado da universidade, constados por meio da análise realizada.

Para isso, entendemos que a universidade se organizou por meio de dois setores para dar suporte à estudante, sendo eles: o corpo docente e o programa de acessibilidade. Setores esses que atuaram no sentido de possibilitar à estudante uma participação ativa nas atividades do curso, seja por meio da disponibilização de monitores e monitoras, de um Tradutor e Intérprete de Libras e através de estratégias de ensino.

No entanto, evidenciamos que nesse processo de inserção da estudante Surda, muitos foram os desafios enfrentados e que outras ações, além das discutidas, ainda precisam ser colocadas em práticas para que haja uma efetiva inclusão de pessoas Surdas nas Instituições de Ensino Superior.

A seguir, discorreremos a partir das ações desenvolvidas pelos dois setores, entendendo que há uma complementação entre eles e que as estratégias realizadas não foram de maneira isolada.

#### **4.1 Atuação do programa de acessibilidade no processo de inclusão da estudante Surda**

No processo de inserção e permanência na instituição, a estudante Surda, Rute, contou com o apoio do programa de acessibilidade que teve o objetivo de realizar as orientações para com as pessoas envolvidas nesse processo e o acompanhamento das atividades por ela desenvolvidas, assim como, disponibilizar recursos humanos, seja através do Tradutor e Intérprete de Libras ou por meio de pessoas atuando na monitoria.

A importância de programas de acessibilidades é destacada por Alencar (2023), que também realizou uma pesquisa na perspectiva de compreender as ações realizadas por uma instituição de Ensino Superior. Para o autor,

O Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) emerge como uma peça-chave para garantir uma gestão inclusiva, gerenciando de maneira integral o acesso, inclusão e permanência dos alunos surdos na universidade. Este programa não apenas cria um ambiente acolhedor e representativo, mas também desempenha um papel central na promoção de políticas inclusivas. (Alencar, 2023, p.74).

O programa apresentado por Alencar (2023, p. 46), também tinha a função de “oferecer suporte aos docentes, aos funcionários e aos pais de alunos no desenvolvimento de competência para praticar a inclusão educacional no ensino superior”, assim percebemos que essas orientações contribuem para que a comunidade acadêmica consiga incluir as e os discentes, Surdas e Surdos, inseridas e inseridos nesses espaços.

No que se diz respeito às orientações realizadas pelo programa de acessibilidade da instituição pesquisada para com as pessoas envolvidas no processo de inclusão, o programa apresentava ao intérprete, as e aos docentes, as monitoras e aos monitores as especificidades da Rute e o que poderia ser desenvolvido para que ela fosse de fato incluída na pós-graduação.

Através da análise dos dados percebemos que essas orientações contemplaram parte das pessoas participantes da pesquisa, principalmente àquelas que de alguma forma estavam imersas nesse movimento de inclusão, como é o caso da professora Frida que fazia parte do programa de acessibilidade - “Bom eu faço parte do programa de acessibilidade, né! Então, eu compartilho das discussões, de como proceder e quais são as estratégias. Então, eu

particularmente, faço parte do sistema. Então sim, tive orientação, sim!”

No entanto, ficou evidente, por parte de algumas e de alguns participantes, a falta de comunicação e orientação sobre o ingresso de Rute. Essas pessoas relataram que a princípio tiveram de ter iniciativas próprias para que a pós-graduanda conseguisse acompanhar as atividades propostas no curso, sentindo assim, dificuldades para fornecer um suporte que favorecesse o acesso à Rute. Quanto a isso, destaca Caio, “mas assim orientações específicas a nível institucional, eu acho que se eu não fosse procurar, se fosse chegar seria uma coisa muito pontual ‘olha você vai receber uma estudante, né! Procure acolhê-la’”. (Caio, *entrevista*, 2022).

Dessa forma, entendemos a necessidade de uma orientação a nível institucional para que as pessoas que estarão em contato direto com estudantes Surdas e Surdos nas universidades sintam-se acolhidos e seguros para realizarem seus trabalhos. Além disso, para que essas e esses discentes não sejam prejudicados em seu processo formativo.

Além dessas orientações, o programa de acessibilidade realizava o acompanhamento do desenvolvimento de Rute, trabalhando em cima do Plano Individual de Desenvolvimento (PID), que era elaborado por meio de um formulário respondido pela Rute e outro pelas e pelos docentes das disciplinas em que ela estivesse matriculada. Desta forma, semestralmente, o programa de acessibilidade analisava as ações realizadas e as que estavam contemplando ou não as necessidades de Rute. Maisa comenta a respeito da análise do PID.

O estudante por ele fazer várias disciplinas ele pode responder um único formulário e ele pode falar de uma forma em geral os pontos positivos e os pontos negativos. Então o que que tem neste formulário, né?! O PID foi desenvolvido na sua totalidade? Se não, foi adotado uma outra estratégia pedagógica, qual que foi? Teve êxito, não teve? Ou ele pode fazer um formulário específico para cada disciplina. E o professor como ele ministra uma só disciplina ele faz o feedback de acordo com a percepção dele daquela disciplina. (Maisa, *entrevista*, 2022).

Por meio da análise do PID, as e os professores das disciplinas subsequentes tinham acesso a essas informações para lecionar suas aulas, contemplando o que funcionou em outros momentos ou desenvolvendo novas ações que poderiam ser necessárias para a inclusão.

A oferta do tradutor e intérprete de Libras foi fundamental, pois possibilitou romper com as barreiras comunicacionais, além de favorecer a acessibilidade à Rute. O trabalho em questão dialoga com Garreto (2021) que entende a importância dos tradutores e intérpretes de Libras, visto que estes facilitam e contribuem para a eliminação da barreira comunicacional entre docentes, discentes Surdas e Surdos e ouvintes. Além disso, a presença dessas e desses profissionais, “é essencial para o aprendizado do surdo na Universidade, considerando que sem esse profissional o discente surdo fica impossibilitado de acompanhar e acessar os conteúdos ministrados pelos docentes”. (Garreto, 2021, p. 103).

Para a atuação do intérprete nas aulas da pós-graduação era necessário um agendamento prévio e após marcado o compromisso na agenda institucional, ele, na maioria das vezes, realizava seu trabalho por 50 minutos ininterruptos. Assim, entendemos que um intérprete não era suficiente para atender a Rute e essa falta de intérpretes é destacada por Ansay (2009), sendo um desafio para a permanência de discentes Surdas e Surdos e foi apresentada pela professora Sarah na instituição em questão.

Na aula, tem um problema, porque a nossa aula era de 1h40min e nós temos só um intérprete na Universidade. O intérprete tinha que fazer a interpretação da seguinte forma: interpretava por 20 minutos e parava 20 minutos, fazer 20 minutos e parar 20

minutos. Aí nós conversamos com o intérprete e ele falou que se a gente fizesse 50 minutos direto ele conseguiria fazer, então (...) a gente fazia uma discussão em 50 minutos porque tinha o intérprete e depois parava. Eu acho que isso foi uma dificuldade, a falta de intérprete, foi uma dificuldade porque não tinha esse negócio de 20 minutos, aí a aula era muito curta. Então você também tem que falar assim: o que que eu vou priorizar nesses 50 minutos?. E aí eu priorizei a discussão. (Sarah, *entrevista*, 2022).

Como nas aulas não era possível intercalar com uma troca entre profissionais, visto que a instituição contava apenas com um profissional de tradução e interpretação, o intérprete relata suas dificuldades e a sobrecarga em seu trabalho, já que ele atuava em vários âmbitos da universidade. Fato este que evidencia a necessidade da contratação de mais profissionais para atender as demandas da universidade e para que seja realizado um trabalho de interpretação acurado. Nas palavras de Abner, o intérprete,

não sei se causou um prejuízo até para a turma toda, até porque, uma hora e tanta de aula passar para 50 minutos, (...) mas as dificuldades, basicamente foram essas - tempo, falta de alguém para fazer esse trabalho - e como eu já desenvolvia outras funções na universidade, houve um acúmulo de serviços enquanto intérprete. (Abner, *entrevista*, 2022).

O programa de acessibilidade também forneceu monitoras e monitores que atuavam por 20 horas semanais com a Rute, acompanhando-a nas aulas da pós-graduação e realizando atendimentos individuais. A monitoria auxiliava a Rute nas tarefas solicitadas pelas e pelos docentes, nas leituras dos textos acadêmicos com adaptações necessárias, nas intervenções solicitadas pela sua orientadora de pesquisa, assim como, na realização de inscrições em participação de eventos institucionais e na escrita acadêmica, como relata Rute: “e as monitoras iam colaborando na escrita do texto comigo, fazendo a correção da minha escrita, eu passava para os monitores, os monitores me devolviam e a gente ia construindo.” (Rute, *entrevista*, 2022).

Galvão (2017) destaca a participação de uma estudante que se propôs a ser bolsista voluntária para auxiliar no processo de inclusão de uma estudante Surda, sendo que esta desempenhava um papel que se aproximava ao das e dos monitores, pois, “ela ajudou a transmitir os conteúdos ensinados; colaborou para que os professores e colegas da turma entendessem algumas diferenças dos surdos, respeitando a estudante; favoreceu o diálogo entre pessoas de línguas diferentes e impediu que a estudante desistisse do curso”. (Galvão, 2017, p. 173). Essa participação foi vista como positiva, apesar de eximir a instituição de cumprir algumas obrigações, como a contratação de intérpretes.

A monitoria foi bem aceita pela Rute, visto que através das mediações realizadas ela conseguiu não só acompanhar as aulas, mas se sentiu acolhida com a atuação das e dos monitores em seu processo de inclusão. No entanto, um docente mencionou que além da monitoria, a estudante poderia ter o acompanhamento de egressas e egressos das disciplinas, sendo que essas e esses já teriam um conhecimento prévio do conteúdo a ser ministrado, possibilitando assim um acesso conceitual a ela.

A seguir, destacamos a atuação do corpo docente no processo de inclusão da estudante Surda e a importância da parceria deste setor com as e os monitores para a acessibilidade dos conteúdos lecionados.

## 4.2 Atuação do corpo docente no processo de inclusão da estudante Surda

As aulas na pós-graduação, devido à pandemia causada pela Covid-19, aconteceram de forma virtual, através do *Google Meet* ou do *Zoom*. Neste sentido, as e os docentes tiveram que adaptar seus planos de ensino para que pudessem ministrar suas aulas remotamente. Com a inserção da estudante Surda, esta adaptação se deu no sentido de pensar no alargamento de prazos de entregas de atividades, assim como, se as disciplinas aconteceriam semanal ou quinzenalmente.

A maioria das e dos docentes optaram por desenvolver suas disciplinas quinzenalmente, pelo fato de não haver intérpretes suficientes para atender as demandas da instituição e para se ter um tempo hábil para a realização e compreensão da bibliografia adotada. Quanto a isso, o professor Fábio destaca,

nós tornamos a disciplina quinzenal, ou seja, para dar esse tempo de apropriação, né. Pensamos que uma mediação ou uma tutoração de alguém pudesse facilitar, porque comumente a pós-graduação, mesmo no contexto remoto, as aulas são semanais, então a gente fez isso. Mesmo considerando um semestre mais curto, né, nós passamos a disciplina de semanal para ser quinzenal e consequentemente as leituras diminuíram. (Fábio, *entrevista*, 2022).

Para o desenvolvimento das aulas era elaborado um Roteiro de Estudo Orientado (REO), e nele eram explicitadas as bibliografias a serem estudadas, os objetivos de aprendizagem e os produtos/avaliações que seriam gerados por meio das leituras. Os REO's eram disponibilizados via Campus Virtual da instituição, em que através do acesso estudantil, as e os discentes matriculados nas disciplinas tinham acesso a ele.

Com intuito de proporcionar acessibilidade à Rute, a professora Sarah menciona que utilizava de recursos visuais nos REO's, com imagens descritivas ou um passo a passo das atividades a serem realizadas, nas palavras da professora: “[...] quando precisou fazer uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Capes, aí eu fui lá e coloquei como que entrava, coloquei imagens, fazia prints”. (Sarah – *entrevista*, 2022).

Além disso, as e os docentes procuravam disponibilizar materiais dos conteúdos ministrados, em Libras, seja por meio de *lives* do *YouTube* com tradução, ou de vídeos produzidos pelo intérprete da própria instituição para que a Rute não se apoiasse apenas às leituras extensas, visto que a sua língua materna, é a Língua de Sinais. O uso de recursos visuais é destacado por uma professora na pesquisa de Galvão (2017, p. 159) entendendo que, “o uso de recursos visuais ajuda a alargar a compreensão do surdo, que tem uma constituição visual”.

Para uma organização dos materiais disponibilizados, o corpo docente contava com o apoio da monitoria, que além de fazer o acompanhamento das disciplinas com a Rute e em alguns momentos realizar a interpretação do português para a Língua de Sinais e vice-versa, as e os monitores, elaboravam resumos dos textos e mapas mentais de maneira que privilegiassem a visualidade. Esses materiais eram organizados em pastas do *Google Drive* para que a estudante pudesse recorrer em seus momentos de estudo.

Dessa forma, entendemos que a monitoria teve um papel fundamental no processo de inclusão da Rute na universidade, pois as e os monitores trabalhavam em parceria com o corpo docente, que através do diálogo se sentiram amparadas e amparados ao desenvolverem suas práticas metodológicas. Sobre o assunto, Rafaela comenta,

nós até criamos, se não me engano, foi um grupo de *WhatsApp* naquele momento,

porque aí a troca de informação ia ser mais rápida. A gente sempre elaborava, né, os roteiros de estudos e conversava com os monitores, tanto no sentido dos materiais que nós íamos inserir, pois eles também estavam nos auxiliando nesse sentido, quanto para tentar explicar um pouco o que a gente estava pretendendo com aquele roteiro de estudos. E aí, muitas das vezes, os monitores iam auxiliar a Rute no desenvolvimento da atividade e surgiam dúvidas, aí eles entravam em contato conosco e a gente dialogava pra tentar sanar essas dúvidas, então com os monitores eu acho que a gente teve um diálogo bem bacana. (Rafaela, *entrevista*, 2022).

Em se tratando dessas práticas, entendemos que as e os docentes tiveram um olhar acerca das atividades avaliativas, seja no alargamento de prazos de entrega, ou compreendendo a dificuldade da Rute quanto ao português, assim era solicitado a ela a entrega de um vídeo em Libras sintetizando as principais ideias discutidas naquela temática estudada. A dificuldade quanto ao português por discentes Surdas e Surdos é destacada na pesquisa de Garreto (2021), em que foi ressaltada a “(...) dificuldade dos surdos de compreender os textos e que suas dificuldades na leitura são vistas como obstáculos para o domínio dos conteúdos, desafio que pode ser minimizado com metodologias e/ou adequações no processo ensino-aprendizagem de discentes surdos”. (Garreto, 2021, p. 90).

Com todo o exposto, percebemos que houve um acolhimento por parte das e dos docentes, que buscaram compreender as especificidades linguísticas da Rute, e ouvi-la sobre quais eram suas impressões, angústias e se o que estava sendo proposto estava favorecendo a sua aprendizagem. Para isso, algumas e alguns docentes abriram um espaço para *feedbacks* com o intuito de favorecer a aprendizagem da mestranda. Quanto a isso, o professor Caio comenta que este momento já estava previsto no planejamento de maneira que ela se sentisse mais acolhida: “no planejamento a gente já previu esse *feedback* constante também né, então é um cuidado que a gente teve procurou ter nesse aspecto aí pra acolhê-la.” (Caio, *entrevista*, 2022).

Esse *feedback* é privilegiado por Garreto (2021) que destaca que precisa haver essa interação entre docentes e discentes, Surdas e Surdos, para uma melhor adequação das aulas ministradas, ou seja, “Mas para que a educação de qualidade possa atingir também esse grupo, é necessário que o professor interaja com o discente surdo, a fim de que se possa definir uma melhor didática”. (Garreto, 2021, p. 91).

Este acolhimento se estendeu a todas as pessoas matriculadas nas disciplinas, em que através do diálogo, todas e todos eram ouvidas e ouvidos, contribuindo assim para a construção de um ambiente inclusivo.

No Quadro 5, é possível observar uma síntese das ações desenvolvidas pelo programa de acessibilidade e pelo corpo docente da instituição na inclusão da primeira estudante Surda. Além disso, destacamos alguns desafios que precisam de ações futuras para melhor acessibilidade dessas pessoas nas IES.

**Quadro 5:** Ações Institucionais ao receber Surdas e Surdos nas IES

<b>Ações Desenvolvidas</b>	Orientações pelo Programa de Acessibilidade ao intérprete, as e aos docentes, as monitoras e aos monitores
	Acompanhamento do Plano Individual de Desenvolvimento
	Tradução e Interpretação da Libras por meio de um Intérprete
	Acompanhamento da monitoria nas atividades realizadas e no apoio docente
	Utilização de Recursos Visuais para melhor compreensão dos conceitos estudados
	Alargamento do tempo para a entrega de atividades e desenvolvimento das aulas
	Espaço para <i>feedbacks</i>

<b>Desafios enfrentados</b>	Falta de Tradutores e Intérpretes de Libras
	Necessidade de pessoas egressas das disciplinas para realizar o acompanhamento com a estudante Surda

**Fonte:** Das autoras (2025).

A seguir, apresentamos as considerações finais.

## 5 Considerações Finais

Com este artigo propusemos discutir as ações, as estratégias e o apoio institucional realizado por uma universidade no Sul de Minas ao receber a sua primeira estudante Surda em um programa de pós-graduação. Para isso, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) e Mendes e Miskulin (2017) para categorizar os dados produzidos.

A produção dos dados se deu a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras e os professores, as monitoras e os monitores, o intérprete, a assessora do programa de acessibilidade e com a estudante Surda. Essas pessoas possuíam vínculo com uma universidade do Sul de Minas e estavam em contato direto no processo de inserção da estudante Surda no âmbito da pós-graduação.

A partir das categorias de análise, entendemos que as ações realizadas pela instituição contribuíram para a inserção da estudante Surda, das quais podemos destacar a atuação do programa de acessibilidade que realizou as orientações, o acompanhamento do desenvolvimento da estudante Surda através do PID e disponibilizou o Intérprete e Tradutor de Libras, assim como, as e os monitores.

O intérprete trabalhou durante as aulas do mestrado e auxiliou na produção de materiais juntamente com a monitoria, que por sua vez, realizava o acompanhamento da estudante Surda em sala de aula e fora dela. As e os monitores também eram responsáveis por procurar materiais em Libras que conversassem com a bibliografia proposta pelas e pelos docentes, assim como, pela elaboração de resumos e mapas mentais das leituras propostas.

O corpo docente teve um olhar atento às especificidades da mestranda, inclusive quanto a diferença linguística. Desta forma, as e os professores decidiram por desenvolver suas disciplinas quinzenalmente pela falta de profissionais de tradução e interpretação em Libras, visto que, na instituição só havia um intérprete. Além disso, buscaram em suas aulas se atentar ao uso de recursos visuais e manter um contato direto com as e os monitores que auxiliavam a mestranda nos momentos de estudo.

Muitos foram os desafios enfrentados, seja pelo fato do contexto da pandemia em que as aulas aconteceram remotamente ou pela falta de recursos materiais e humanos para atender a estudante Surda. Através da análise ficou evidente a necessidade da contratação de mais intérpretes para que pessoas Surdas incluídas nas Instituições de Ensino Superior não sejam prejudicadas em seu processo formativo e para que não haja uma sobrecarga de trabalho daqueles profissionais.

A partir deste trabalho deixamos como sugestão que pesquisadoras e pesquisadores investiguem o processo de formação de pessoas Surdas e se estas concluíram com êxito a sua jornada acadêmica.

## Referências

Alencar, A. C. (2023). *A inclusão de surdos na universidade: Análise das práticas de gestão em uma IES*. Dissertação (Mestrado em administração de empresas) Universidade de

- Fortaleza. Repositório institucional UNIFOR.
- Almeida, W. G. (Org.). (2015). *Educação de surdos: Formação, estratégias e prática docente* (1 ed.). Editus.
- Ansay, N. N. (2009). *A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná. Repositório digital UFPR.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (1 ed.). Edições 70.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Diário Oficial da União.
- Brasil. (2002). *Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Diário Oficial da União.
- Brasil. (2005). *Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n.º 10.436/2002. Diário Oficial da União.
- Brasil. (2010). *Lei n.º 12.319, de 1.º de setembro de 2010*. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras. Diário Oficial da União.
- Brasil. (2015). *Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015*. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União.
- Brasil. Ministério da Educação. (1996). *Aviso Circular n.º 277/MEC/GM, de 8 de maio de 1996*. Política educacional para portadores de necessidades especiais. DOU.
- Franco, M. L. P. B. (2008). *Análise de conteúdo* (3 ed.). Líber Livro.
- Galvão, N. (2017). *Acessibilidade a estudantes surdos na educação superior: Análise de professores sobre o contexto pedagógico*. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Estadual Paulista. Repositório UNESP.
- Garreto, M. M. (2021). *Percepções de discentes surdos em relação ao processo ensino-aprendizagem no contexto da inclusão na Universidade Federal do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Maranhão. Repositório UFMA.
- Mendes, R. M., & Miskulin, R. G. S. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos de Pesquisa*, 47(165), 1044-1066.